

A PEDERASTIA ATENIENSE NO PERÍODO CLÁSSICO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO *BANQUETE* DE PLATÃO E DE XENOFONTE.

Luana Neres de Sousa*
neresluana@gmail.com

Palavras-chave: Pederastia, Banquete, Platão, Xenofonte.

1 - Introdução:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar os primeiros resultados obtidos na pesquisa intitulada “*A pederastia ateniense no período clássico: uma proposta de análise do Banquete de Platão e de Xenofonte*”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás desde Março de 2009, nível doutorado.

Nosso objeto trata-se de um relacionamento homoerótico praticado entre os aristocratas atenienses durante o período clássico grego, que abrange os séculos IV e V a.C. Denominada Pederastia, o homoerotismo masculino ateniense era praticado pelo parceiro mais velho, o *erastés*¹, que no grego clássico significa “amante” e pelo jovem, o *erómenos*, palavra que significa “apaixonar-se por”. Tanto *erastés* quanto *erómenos* são oriundos do verbo *erán*, que significa “amar” (DOVER, 1994: 34). O termo pederastia também decorre do verbo *erán*, acrescido do prefixo *paides* que significa “menino”, “criança”. Entretanto, é importante ressaltar que a pederastia ateniense não é o mesmo que “pedofilia”, por não deter o teor pornográfico e depreciativo que esta última possui. Podemos traduzir o termo pederastia (*paiderastein*) no diálogo platônico como “amor pelos jovens” (Platão. *O Banquete*, 211.b.6).

O *erastés* deveria ser um homem adulto, cidadão com papel ativo na sociedade. O *erómenos* era um jovem de idade variante entre 12 e 18 anos², filho de cidadão, que tinha o direito de “escolher” seu *erastés*, já que cabia a ele aceitar ou

* Aluna bolsista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, nível Doutorado. Orientanda da Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves – UFG.

¹ Existem diversos trabalhos onde *erastés* aparece escrito como “erasta” e *erómenos* como “erômeno”, como uma forma de tornar tais verbetes mais próximos da Língua Portuguesa tais nomes. Todavia, optamos por utilizar neste capítulo os termos em seu original grego.

² Não há nos trabalhos historiográficos um acordo no que diz respeito à faixa etária do *erómenos*, uma vez que há autores que delimitam a idade deste entre 12 e 18 anos, enquanto outros a estendem até os 20 anos. No presente trabalho foi adotada a faixa etária apresentada por Nikos A. Vrissimtzis para a designação da idade do mancebo envolvido na pederastia por acharmos os argumentos do autor muito pertinentes (VRISSIMTZIS, 2002: 104).

não o convite dos candidatos que se apresentassem no momento propício para o início da pederastia. Devemos elucidar que as relações pederásticas ocorriam somente entre os eupátridas³ e futuros eupátridas de Atenas e que era uma atividade predominantemente do círculo aristocrático, principalmente aquele que freqüentava os ginásios e os banquetes (MOSSÉ, 2004: 223). Esta exclusividade tem uma explicação: nem todos os homens livres tinham vocação para exercer plenamente a vida política, nem se dedicarem à conquista de belos rapazes, mas somente os eupátridas ricos. Todavia, analisando a obra platônica, observamos que Sócrates fora *erastés* de diversos jovens, sem, contudo, ser detentor de grandes posses.

A principal questão que norteia nossa análise encontra-se na compreensão da pederastia em Atenas enquanto uma instituição político-pedagógica, que visava à formação do futuro cidadão ateniense e que poderia ocorrer durante os banquetes aristocráticos. Por se tratar de um relacionamento que era acompanhado de perto pela sociedade a fim de que seus participantes não comentassem *hybris*⁴ e não desviassem o foco do relacionamento pederástico, de que forma poderia ocorrer em um espaço destinado à suspensão momentânea da ordem? Para buscar respostas para esta questão, optamos pela análise do diálogo platônico O Banquete (*Symposión*)⁵ e elegemos ainda o diálogo de Xenofonte com o mesmo título para observarmos, através dos discursos elaborados pelos convivas dos banquetes descritos pelos autores e da análise historiográfica, os seguintes itens:

- Questões referentes à conduta dos envolvidos na pederastia;
- As delimitações identitárias dos mesmos, o tempo pretendido para tal relação;
- O banquete (*symposión*) enquanto espaço para a realização da pederastia;

³ Cidadãos no período clássico eram considerados apenas os homens nascidos em Atenas e filhos de pais provenientes de famílias atenienses, os chamados *eupátridas*. Claude Mossé afirma que o nascimento era a principal via de acesso à comunidade cívica, mas que também existia outro meio de aquisição da cidadania. Este consistia na concessão do privilégio de se tornar cidadão a um estrangeiro que tivesse sido aprovado por pelo menos seis mil atenienses em voto secreto na assembléia. Mas essa atribuição possuía um caráter excepcional (MOSSÉ, 1993: 43).

⁴ Os gregos em geral possuíam uma grande preocupação em relação ao seu autocontrole, repudiando o que eles chamavam de *hybris*, geralmente traduzido por “desmesura”, “agressão” ou “violência”. Dover acrescenta que tal vocábulo, no caso especificamente sexual, denota a apropriação por parte de um homem adulto ou de um jovem para relações sexuais contra sua vontade, ou seja, “estupro”. (DOVER, 1994: 56).

⁵ *Symposión* em grego significa “reunião de bebedores”. O plural da palavra *symposión* aparece muitas vezes na literatura grega como *simposia*, dependendo do caso em que o substantivo está flexionado.

- O tratamento concedido àqueles que transgrediam as normas;
- A relação entre a formação pederástica do jovem e sua atuação na Assembleia (*Ecclesia*) enquanto cidadão ativo na sociedade.
- Os reflexos do envolvimento da cidade de Atenas na Guerra do Peloponeso na tradição educacional dos jovens eupátridas.

Outra questão levantada acerca das relações entre *erastés* e *erómenos* encontra-se na compreensão dos critérios de seleção da temática amorosa por Platão e por Xenofonte em suas respectivas obras. Enquanto o amor entre homens e jovens constitui-se como objeto principal no *symposiôn* platônico, Xenofonte o discute juntamente com outros assuntos, dentre os quais, a dança e o vinho. Todavia, isso não significa que o Amor não tenha importância no *Symposiôn* xenofontiano.

2 - Material e métodos:

Por se tratar de uma pesquisa cujo recorte espaço-temporal encontra-se na Antiguidade Clássica, utilizamos o Método Qualitativo⁶ para a análise da documentação por nós selecionada por acreditarmos ser esta a melhor ferramenta para o exame de nossa documentação. Até o presente momento já realizamos a leitura sistemática das fontes antigas, estabelecendo uma comparação entre o modo pelo qual a relação entre *erastés* e *erómenos* aparece na obra platônica com aquela apresentada por Xenofonte em seu diálogo. Tendo consciência de que toda obra está imbuída dos interesses de quem a registrou, tentamos contrabalancear a visão de Platão e Xenofonte, haja vista ambos terem sido discípulos de Sócrates e possuírem visões peculiares acerca da pederastia neste período.

Identificamos que em Platão a temática erótica permeia todo diálogo, enquanto em Xenofonte esta constitui-se em apenas um dentre diversos outros assuntos abordados, tais como a bebedeira, o riso e a dança. Todavia notamos que nas duas obras é latente a idéia de que “o amor dirigido à alma é o mais elevado e privilegiado por um *kaloskagathos*⁷”. Ou seja, o amor deveria estar pautado sempre no autocontrole, no equilíbrio, na temperança (*sophrosine*).

⁶ Método onde o pesquisador procura (re)interpretar fenômenos a partir da análise de conceitos e do exame de documentos (NEVES, 1996).

⁷ *Kaloskagathos* (*Kalós kai agathos*): Junção de dois adjetivos – *Kalós* (belo) *kai* (e) *Agathos* (bom), que na literatura grega antiga, aparece para identificar cidadãos que fossem bons e que apresentassem a beleza de sua conduta e não necessariamente a beleza física.

3 - Resultados e discussão:

A pederastia ateniense suscitou diversas interpretações ao longo de século. O seu conteúdo e significado na sociedade ateniense do período clássico representou algo bastante distinto de sua conceituação no mundo atual, e por essa razão, fomos motivados a buscar uma compreensão mais aprofundada do assunto. Pautados numa discussão teórica acerca dos conceitos de “imaginário” e também de “identidades”, procuramos compreender o papel social desempenhado pela pederastia, salientando as características identitárias do grupo que a praticava e sua repercussão no imaginário social de Atenas durante o período clássico.

Na medida em que fomos realizando a leitura sistemática de nossas fontes e da bibliografia selecionada, reforçamos as problemáticas apresentadas em nosso projeto e identificamos outras relacionadas à importância que os banquetes gregos possuíam na vida pública e privada do homem ateniense clássico. Segundo Oswyn Murray os banquetes eram fortemente ritualizados e essa ritualização definia a comunidade como um todo, ou um grupo dentro dessa comunidade (MURRAY, 1994: 202). Sua liturgia dividia-se basicamente em duas partes: a primeira, chamada de *deipnon* e o posterior, o *symposiôn*. O *deipnon* é caracterizado por se consumir rapidamente pratos pouco sofisticados, sem muita conversação ou bebida, convertendo-se, muitas vezes, na única refeição que as hetairas⁸ faziam durante todo o dia. O *symposiôn* é constituído por ritos religiosos, divertimentos, música e dança, tudo regado a muito vinho, que deveria ser consumido gradativamente para que não se atingisse a bebedeira rapidamente.

Conceitos importantes tais como *homoerotismo*, *homossexualismo*, *homossexualidade*, *imaginário*, *identidade* e *memória*, dentre outros, têm sido definidos para a nossa análise da pederastia praticada durante os banquetes. Discutimos com a historiografia tradicional e com os mais recentes trabalhos publicados pelo mundo. Destacamos os trabalhos de Henri Marrou⁹, Werner Jaeger¹⁰, Kenneth James Dover¹¹, Félix Buffière¹², Michel Foucault¹³, David

⁸ *Hetaira*: palavra grega que significa “companheira”. Eram prostitutas de luxo que geralmente acompanhavam os homens importantes em banquetes e outras festividades onde mulheres da sociedade não poderiam comparecer (VRISSIMTZIS, 2002: 93).

⁹ MARROU, Henri Irénée. Da Pederastia Como Educação. In: _____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990. p. 51 – 65.

¹⁰ JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

¹¹ DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

Halperin¹⁴, Paul Ludwig¹⁵, David Cohen¹⁶, dentre outros, a fim de que sejam suscitadas e discutidas as principais linhas de pensamento acerca das relações entre *erastés* e *erómenos* em Atenas no período clássico.

4 – Conclusões:

Apesar de nossa pesquisa encontrar-se em fase de desenvolvimento, concluímos até o presente momento que os banquetes possuíam grande importância na comensalidade do ateniense do período clássico eram festividades destinadas apenas aos indivíduos do sexo masculino. Logo, convertiam-se em um ambiente propício para o exercício da pederastia, pois estava repleto da masculinidade necessária para o florescimento do amor entre *erastés* e *erómenos*. Além do mais, tais encontros poderiam celebrar a vitória de um amigo em algum concurso esportivo ou de poesias, ou ainda, constituir-se em um espaço de discussão política, versando-se nestes encontros sobre diversas temáticas relacionados a *polis*.

5 - Referências bibliográficas.

A - DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

PLATÃO. *O Banquete*. Trad: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Le Banquet*. Trad: Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

XÉNOPHON. *Le Banquet – Apologie de Socrate*. Trad: François Ollier. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

B – OBRAS DE REFERÊNCIA:

BUFFIÈRE, Félix. *Éros Adolescent: La pédérastie dans la Grèce Antique*. Paris: Belles Lettres, 2007.

COHEN, David. *Law, sexuality and society: the enforcement of morals in classical Athens*. New York, Cambridge University Press, 2001. DOVER, Kenneth James. *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

¹² BUFFIÈRE, Félix. *Éros Adolescent: La pédérastie dans la Grèce Antique*. Paris: Belles Lettres, 2007.

¹³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

¹⁴ HALPERIN, David M. *One Hundred years of homosexuality: and other essays on Greek*. New York; London: Routledge, 2008.

¹⁵ LUDWIG, Paul. *Eros and Polis: desire and community in Greek political theory*. New York: Cambridge University Press, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

HALPERIN, David M. *One Hundred years of homosexuality: and other essays on Greek*. New York; London: Routledge, 2008.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira. *Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LUDWIG, Paul. *Eros and Polis: desire and community in Greek political theory*. New York: Cambridge University Press, 2006.

MARROU, Henri Irénée. Da Pederastia Como Educação. In: _____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990. p. 51 – 65.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *O Cidadão na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1993.

MURRAY, Oswyn. O homem e as formas da sociabilidade. In: VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Presença, 1994. P. 199-228.

NEVES, José Luis. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em administração. São Paulo, V.1, nº 3, 1996.

VRISSIMTZIS, Nikos A. Pederastia. In: _____. *Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, 2002. p 100 – 114.